



Análise do discurso em dois enfoques: o discurso oral dos ribeirinhos e o papel da mídia na construção simbólica dos enunciados sobre a construção das usinas hidrelétricas¹

José Gadelha da Silva Junior²
Nair Ferreira Gurgel do Amaral³

Resumo: Este artigo pretende fazer uma análise do discurso oral de moradores ribeirinhos da antiga comunidade de São Domingos, na Vila de Santo Antônio, região afetada pela construção da usina hidrelétrica de Santo Antônio, no rio Madeira, em Porto Velho/RO. Buscamos verificar a produção de sentidos a partir de enunciados, bem como as condições de produção desses enunciados. Nosso foco é, também, fazer uma análise de textos apresentados por sites de notícias, locais, no período que compreende os primeiros meses de instalação do canteiro de obras da usina hidrelétrica de Santo Antônio. Tais observações se fazem necessárias para a compreensão de acontecimentos discursivos como elementos responsáveis pela construção de um dado momento histórico em nossa sociedade, uma vez que os discursos são tomados como práticas sociais, historicamente determinadas, que constituem os sujeitos e seus respectivos objetos.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Ribeirinhos. Acontecimentos discursivos. Mídia. Produção de sentidos.

Abstract: This paper aims to analyze the oral discourse of the riverside people, *ribeirinhos*, who lived in an ancient community named São Domingos in the Santo Antonio village which was destroyed by the construction of Santo Antonio hydroelectric plant in the Madeira River in Porto Velho city, state of Rondonia. We intended to identify the production of meanings in the various speeches and its condition of production as well. Our goal was also making an analysis of the different texts of the local and online newspapers that could report about the first months of the power plant construction site. We considered that such analyses are necessary in order to understand the discursive events as elements that are responsible for the ideas built in a certain historical moment in our society, since the discourses are taken as social practices, historically determined that constitute the individuals as well their objects.

Key-words: Discourse Analysis. River People. Discursive Events. Media. Meaning Production.

¹ Uma versão anterior deste artigo foi apresentada como trabalho de conclusão da disciplina Discursos e Identidade Cultural, no Mestrado em Letras – Universidade Federal de Rondônia, outubro de 2014.

² Mestrando do Programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal de Rondônia – UNIR. E-mail: junior.zafenate.82@gmail.com.

³ Doutora em Linguística. Universidade Federal de Rondônia – UNIR. E-mail: nairgurgel@uol.com.br.



1 INTRODUÇÃO

Este artigo pretende analisar o discurso oral de moradores ribeirinhos da antiga comunidade de São Domingos, na Vila de Santo Antônio, região afetada pela construção da usina hidrelétrica de Santo Antônio, no rio Madeira, em Porto Velho/RO, a fim de verificar a produção de sentidos a partir de enunciados construídos, bem como as condições de produção desses enunciados. Nosso objeto de estudo são depoimentos gravados em 2008, durante a produção do vídeo-documentário intitulado “Para onde o destino mandar⁴”. Também buscamos fazer uma análise de textos apresentados por *sites* de notícias, locais, no período que compreende os primeiros meses de instalação do canteiro de obras da usina hidrelétrica de Santo Antônio. Essas observações se fazem necessárias para a compreensão de acontecimentos discursivos como elementos responsáveis pela construção de um dado momento histórico em nossa sociedade, uma vez que os discursos são tomados como práticas sociais, historicamente construídas, que constituem os sujeitos e seus respectivos objetos.

O aporte teórico que subsidia nosso trabalho está pautado nas concepções de língua, linguagem, cultura, identidade, discurso, enunciado e mídia dos seguintes autores: José Luiz Fiorin (2003), João Wanderley Geraldi (2003), João de Jesus Paes Loureiro (1995 e 2008), Michel Foucault (2012), Maria do Rosário Valencise Gregolin (2000 e 2003), Eni Puccinelli Orlandi (2002, 1996 e 1999), Dominique Maingueneau (2002 e 2013), Zygmunt Bauman (2005), Roger Silverstone (2002), além de outros autores regionais como: Maria das Graças S. N. Silva (2003), Amizael Gomes da Silva (1991), Dante Ribeiro da Fonseca (2007) e Nair Ferreira Gurgel do Amaral (2011).

A metodologia utilizada foi a análise discursiva dos enunciados contidos em um *corpus* composto por quinze depoimentos gravados em áudio e vídeo, além de textos de *sites* de notícias, de circulação local, divulgados em igual período ao início da instalação do canteiro de obras da usina hidrelétrica de Santo Antônio (agosto e

⁴ Vídeo-documentário apresentado como trabalho de conclusão de curso de graduação em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo.



setembro de 2008). Por esses motivos, as condições de produção dos discursos apresentados pelos sujeitos que caracterizam o nosso objeto de pesquisa chamam-nos a atenção para uma análise mais profunda. Sendo o homem ribeirinho um sujeito historicamente marginalizado por fatores diversos, buscamos, na voz desse sujeito, à luz da análise discursiva, não apenas identificar enunciados, mas levantar uma reflexão acerca de como a sociedade responde ao discurso de grupos estigmatizados⁵, num dado contexto histórico. Também consideramos, para esta análise, o discurso apresentado pela mídia, enquanto grande facilitadora da disseminação de representações simbólicas e significados daquilo que se quer estabelecer enquanto verdade dos fatos.

2 Santo Antônio do Rio Madeira

A história do surgimento de Porto Velho está intrinsecamente ligada à história de Santo Antônio do rio Madeira, um povoado antigo estabelecido no final do século XIX, que funcionou como um importante local de embarque e desembarque de mercadorias, em função da atividade extrativista. A região foi escolhida, propositadamente, para as primeiras tentativas de construção de uma ferrovia, que possibilitasse o escoamento da produção nos seringais da Bolívia e Guajará-Mirim, chegando a concentrar, no passado, toda a borracha extraída nos rios Beni, Mamoré, Guaporé e Madeira. Ainda no século XVIII, a região foi local para missões jesuíticas lideradas pelo padre João Sampaio, que em 1723 teria constatado “toda a navegabilidade de um longo percurso do rio Madeira, tendo fundado a aldeia mais remota na região onde hoje está o estado de Rondônia” (HUGO, 1991, p. 28).

Segundo Amizael Gomes da Silva (1991, p. 23) “Santo Antônio, no início da construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, embora região do atual município de Porto Velho, pertencia a província de Mato Grosso”, e foi escolhida como ponto inicial da estrada de ferro porque a ferrovia deveria ser construída dentro dos limites de Mato

⁵ Para BAGNO (2007) são considerados grupos estigmatizados aqueles compostos por populações de regiões periféricas nas cidades, ou zonas rurais e degradadas, onde vivem brasileiros pobres com menos acesso à escolarização de qualidade, desprovidos de muitos de seus direitos mais elementares.



Grosso, cujas divisas estariam naquela localidade. Na realidade, desde os anos 60 do século XIX, empreendedores bolivianos haviam aberto seringais no trecho encachoeirado do rio Madeira. Já no início do século XX, com a última e bem sucedida tentativa de construção da ferrovia⁶, conforme Fonseca (2007) estimava-se uma população residente de trezentas pessoas em Santo Antônio, a maioria composta por indígenas bolivianos ocupados nas tarefas de carga e descarga no porto.

A comunidade de Santo Antônio do rio Madeira estava localizada numa região de péssimas condições sanitárias, com pouca ou quase nenhuma higiene. Nas palavras do médico e cientista Oswaldo Cruz foi considerada “o cúmulo, uma vila inacreditavelmente, insalubre [...] não havia esgotos, água canalizada ou iluminação, lixo e dejetos humanos eram despejados nas ruas, a céu aberto” (CRUZ apud FONSECA, 2007, p. 105).

Logo, diante desse cenário, e do histórico de fracasso que permeou as tentativas iniciais de construção da ferrovia, a empreiteira May-Jekill and Randolph decidiu, em 1907, pela construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré a partir de uma nova localidade rio abaixo. Esse novo ponto era denominado Porto Velho dos Militares e estava localizado no estado do Amazonas. À medida que o empreendimento ia recebendo novos investimentos, surgia uma nova localidade, que mais tarde viria a ser a cidade Porto Velho e gradativamente povoada por pessoas de diferentes nacionalidades, inclusive, trabalhadores pobres “excluídos ou que se excluíram do privilégio de trabalhar na ferrovia, e meretrizes [...] Os primeiros moradores de Porto Velho foram aqueles que construíram a ferrovia” (FONSECA, 2007, p. 112). Enquanto avançavam as obras no novo endereço, reduzia-se o número de trabalhadores em Santo Antônio do rio Madeira, ao passo que:

Passaram a viver em simbiose. A Porto Velho oposta àquela da ferrovia não era, portanto, somente filha de Santo Antônio, mas também a filha indesejada da Porto Velho da Madeira-Mamoré [...] em pouco mais de dez anos seus

⁶ As primeiras tentativas datam da década de 1870. A empresa inglesa Public Works desistiu da construção da ferrovia, motivada por diversos fatores. Já a norte-americana P. & Collins, que assumiu logo depois da desistência da empresa anterior, faliu após instalar 7 km de ferrovia.



habitantes totalizavam a casa dos milhares. Gente de todas as cores, classes sociais e nacionalidades invadiam a cidade, comunicando-se entre si, nos mais diversos idiomas onde predominavam o inglês e o espanhol. (FONSECA, 2007, p. 117).

Percebe-se que “desde aqueles tempos, Rondônia já estava predestinada a receber pessoas de todos os lugares, de todas as línguas, de todos os hábitos e costumes” (AMARAL, 2011, p. 46). O movimento migratório da Batalha da Borracha, que se desenvolveu no decorrer dos anos de 1941 e início de 1943, adquiriu um novo colorido com a chegada, a partir de 1943 e durante os anos de 1944/1945, de novos contingentes humanos. A diferença entre essas correntes de migrantes era flagrante, enquanto a primeira se constituía na sua maioria de cearenses que se deslocavam do interior, a partir de 1943 até 1945, essas correntes provinham dos centros urbanos, de homens solteiros ou desgarrados de suas parentelas. Muitos deles, desempregados ou sem profissão definida, vinham para a Amazônia pelo simples sabor da aventura e para fugir à convocação para a FEB (Força Expedicionária Brasileira) que lutava na Itália.

Pode-se destacar que, ao final desses processos migratórios, motivados pelos dois ciclos da borracha e pela construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, tinham-se desenhado vários núcleos populacionais em Rondônia. Tanto de gente que veio para trabalhar nos seringais, como para atuar na construção da ferrovia ou motivada por outros interesses. Na dinâmica de organização desse espaço, o fim da extração do látex fez com que muitos seringalistas abandonassem seus seringais, abrindo precedentes para a exploração da atividade agrícola, em áreas que continuavam com a posse. Já quanto aos seringueiros, muitos se dirigiram para a área urbana, em busca de novas oportunidades, mas a maioria preferiu habitar as margens dos rios, lagos e igarapés, passando a adotar a pesca e a agricultura de várzea como principais atividades para o sustento da família.



3 A comunidade de São Domingos na Vila de Santo Antônio

A antiga comunidade de São Domingos ficava localizada na vila de Santo Antônio, à margem esquerda do rio Madeira, distante cerca de 20 km da área urbana do município de Porto Velho (seguindo a BR 319, ramais Jatuarana e Monte Cristo) e a 7 km (via barco, a partir do porto do Cai N'água). Mas, por ocasião da construção da usina hidrelétrica de Santo Antônio, no rio Madeira, os moradores dessa localidade tiveram que ser remanejados de suas moradias para outros lugares, pois a área, onde viviam, há décadas, estava dentro do raio de abrangência do que viria a ser o canteiro de obras do empreendimento.

De acordo com relatos de moradores, a comunidade de São Domingos, na vila de Santo Antônio, era formada por cerca de 40 famílias, em sua maioria, de ascendência nordestina. Como em todas as comunidades ribeirinhas, a pesca constituía-se na principal atividade econômica, também acompanhada de uma pequena produção agrícola, essa modalidade de produção, “caracteristicamente mandioca para a produção de farinha, frutos como a melancia, plantada na várzea dos rios e plantações perenes como o cupuaçu, a pupunha e o açaí.” (SILVA; FILHO, 2002, p. 27). Hoje, mais de 6 anos após o início da construção da usina de Santo Antônio, apenas duas famílias, remanescentes da antiga comunidade de São Domingos, sobrevivem na parte que não foi afetada pelo reservatório da usina, chamada por todos como “São Domingos Remanescente”. Para chegar a essa comunidade, um dos acessos é a BR 319, ou Transamazônica sentido Humaitá, entrando à esquerda no km 4, seguindo o ramal Jatuarana, num percurso de aproximadamente 7 km, até chegar ao ramal que separa os acessos às comunidades de São Domingos Remanescente e Riacho Azul, ambas localizadas à margem esquerda do rio Madeira, numa área que não foi afetada pela construção da usina hidrelétrica de Santo Antônio. Hoje, este trajeto é facilitado pela ponte sobre o rio Madeira, entregue a população em setembro de 2014. Antes disso, a travessia só era possível por balsas que operavam no rio ou pequenas embarcações.



4 Aporte Teórico

A seguir, apresentamos o referencial teórico que norteou nossa pesquisa, por entendermos que as referências teóricas darão sustentação ao processo de análise dos dados apurados. Pautaremos nossa análise a partir do confronto das informações coletadas e o conhecimento teórico acumulado, estabelecendo uma inter-relação entre as bases teórica e prática, para a validação do nosso trabalho.

4.1 Identidade e Cultura

Apresentamos, neste estudo, os conceitos de identidade cultural à luz de autores que compreendem a identidade como algo que está em constante movimento. Fazemos uso das explicações de Stuart Hall (1998) e Homi Bhabha (2013) que não tratam a cultura como um produto estabelecido, mas como um conjunto de patrimônios constituídos e que se reinventam e se ressignificam no curso das gerações.

O homem é um ser completamente adaptável. Nessa perspectiva, ele é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridos pelas numerosas gerações que o antecederam. Para Homi Bhabha (2013), nenhuma cultura pode ser jamais unitária em si mesma, nem simplesmente dualista do ponto de vista da relação do “eu” com o “outro”. O mesmo autor defende que existe um terceiro espaço chamado de “entre-lugares” onde os sujeitos se formam. Esse “entre-lugares” seria uma espécie de “excedentes da soma” das partes da diferença que, na maioria das vezes, são expressas como raças, classe, gêneros e outros.

A identidade sob a perspectiva existencialista pode ser entendida como algo que se move, se transforma. Algo não fixo que pode ser negociado, renegociado, significado ou ressignificado, dependendo do espaço e do tempo em que se encontra o sujeito. Para compreender esse sujeito, no centro dessas discussões, Hall enumera três concepções distintas, uma delas a de sujeito da Pós-Modernidade, o qual:



Está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades algumas vezes contraditórias ou não resolvidas [...] esse processo produz o sujeito pós-moderno conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. (1998, s/n).

A esse respeito Bauman (2005), aborda a questão da identidade como fruto da contemporaneidade. Ele faz uma metáfora para explicar esse dinamismo característico do processo de transição entre a modernidade e a fase atual, tratando-a a partir de mudanças globais. Para esse fim, utiliza o conceito de “modernidade líquida” ou “fluidez”.

5 Algumas Contribuições da Análise de Discurso

Sendo a linguagem um dos elementos fundamentais para entender as relações sociais e que sistematiza a organização cultural do indivíduo em determinada sociedade, a Análise de Discurso oferece-nos um campo vasto de subsídios para essa discussão, justamente, por “servir de ponte de ligação entre a língua e sua exterioridade constitutiva” (GREGOLIN, 2000, p. 19).

Desta forma, tomamos o homem como um ser sociável por reunir as competências necessárias para o exercício da linguagem e, mais que isso, nessa apropriação do ato da linguagem, ele não o exerce de forma individual, mas coletiva, interpelado por uma ideologia⁷ (ORLANDI, 2012). À luz dos ensinamentos da Análise de Discurso, essa linguagem passa a significar não apenas um amontoado de palavras ou signos, porém um sistema complexo que constitui sentido, no qual o homem se significa. Para Orlandi (1999, p. 15), é por meio desse tipo de estudo que “se pode conhecer melhor aquilo que faz do homem um ser especial com sua capacidade de

⁷ Na perspectiva foucaultiana, todo conhecimento é determinado por uma combinação de pressões discursivas, institucionais e sociais. O conhecimento teórico e a ciência, por exemplo, não estariam imunes a essas determinações. Nesse jogo de configurações, alguns desses conhecimentos desafiam os discursos dominantes. O discurso que prevalece marca uma ideologia.



significar e significar-se”, pois a Análise de Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Nessa concepção, inúmeras são as possibilidades que nos permitem alcançar, através de uma análise discursiva, o fio que nos conduz ao indivíduo, ao social e, com ele, à História.

Portanto, discurso, sujeito e história se complementam não sendo, pois, viável dissociá-los se quisermos compreender questões como as condições de produção de certos discursos, e o contexto⁸ em que foram produzidos. Empregamos, aí, a noção de um sujeito ideológico, atravessado pela linguagem e pela história, inscrito em uma formação discursiva⁹, como atesta Pêcheux (1997, p. 163) “a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito)”. Um dos efeitos provocados pela ideologia é a produção de condições nas quais o sujeito e os sentidos se constituem. O dizer é, por isso, fruto da interpelação do indivíduo em sujeito pela ideologia.

Quanto ao discurso, para o compreendermos, partimos, primeiro, de uma breve apresentação do texto numa visão empírica, como sendo algo com começo, meio e fim. Porém, se o olharmos do ponto de vista da Análise de Discurso, que o toma como um todo constituído pela “memória, o domínio do saber, outros dizeres já ditos ou possíveis” (ORLANDI, 1999, p. 39), veremos que o discurso, assim entendido, não pode ser confundido com o texto, em sua superficialidade e, muito menos, reduzido ao simples ato de comunicar algo.

Já a noção de enunciado contempla muito mais que um conjunto de elementos no interior de um sistema linguístico. O enunciado vai além de uma simples sequência de signos no decorrer de uma frase ou proposição. O enunciado não é nem inteiramente linguístico nem exclusivamente material, mas indispensável para que se possa dizer

⁸ Tomamos o contexto não necessariamente como o ambiente físico, o momento e o lugar da enunciação. Conforme Maingueneau (2013) estão relacionados ao contexto o conhecimento de mundo, ou a memória, e o cotexto, isto é, as sequências verbais encontradas antes e depois da unidade a observar.

⁹ Em Orlandi (1999) a noção de formação discursiva é básica na análise discursiva, pois permite compreender o processo de produção de sentidos. Define-se por aquilo que numa formação ideológica dada, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito.



algo carregado de sentido. Para Foucault (2012, p. 104), o enunciado “é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles fazem sentido ou não.” Logicamente, para que possamos compreender o enunciado, precisamos mobilizar saberes diversos, recorrer à memória, tecer hipóteses, remeter-nos ao contexto que permeia esse enunciado, pois “a própria ideia de um enunciado que possua sentido fixo fora de um contexto torna-se insustentável. [...] o que se quer dizer é que, fora do contexto, não podemos falar realmente do sentido de um enunciado” (MAINGUENEAU, 2002, p. 21).

É sob o ponto de vista dos conceitos abordados que vamos tratar os discursos apresentados pelos sujeitos desta pesquisa. Tanto aqueles marginalizados pela posição social que ocupam, quanto os que estão inseridos em espaços institucionalizados do saber e do poder. Entendemos que, como tarefa, a Análise de Discurso não procura o sentido “verdadeiro” nas palavras. Ao considerar o homem e sua história, bem como as condições de produção da linguagem e as inter-relações entre sujeitos e a língua, o que faz é oferecer caminhos para diferentes interpretações. É nesse sentido que age o analista, a partir do texto como unidade que permite o acesso ao discurso, fazendo verificações, tomando-o “como lugar da representação física da linguagem: onde ela é som, letra, espaço, dimensão direcionada, tamanho. É o material bruto. Mas é também espaço significante” (ORLANDI, 1996, p. 60).

6 O papel da Mídia na construção de significados

A mídia está presente, em diferentes formas, no cotidiano das sociedades. Mesmo em comunidades de difícil acesso, como as ribeirinhas na Amazônia, lá está ela, através de um simples rádio a pilha, ou até mesmo da TV. Seja para alcançar o entretenimento ou a notícia, o homem busca, é atraído por ela, envolve-se, e deixa-se envolver pela mídia.



É impossível escapar à presença da mídia. A consolidação da ideia de que vivemos em conexão com outras culturas, constituindo relações cada vez mais dinâmicas, depende da mídia e de seus elementos. Logo, essas relações, constituídas em rede, também precisam de análises cuidadosas. Uma das teorias mais difundidas e que dão margem para tais análises é a do chamado “pensamento único”, como definem Echaniz e Pagola (2007, p. 23) no livro *Ética do profissional da comunicação*:

Trata-se da tradução em termos ideológicos, da pretensão universal dos interesses de um conjunto de forças econômicas, em especial, as do capital. Segundo o mesmo raciocínio, esse pensamento impede qualquer reflexão livre à margem do estabelecido pelas gigantescas instituições econômicas da globalização. Essas organizações impõem preceitos na forma de ideologia, opiniões, hábito de comportamento e modos de vida.

Em outras palavras, esses ideais são transmitidos e difundidos por intelectuais, autoridades políticas, empresas jornalísticas ou até mesmo pela publicidade nos meios de comunicação, criando uma falsa ideia de democracia, pois, na verdade, como defendem Echaniz e Pagola (2007, p. 25) “o sistema global destrói com inusitada rapidez o que lhe faz concorrência e lhe subtrai o poder”.

Também a esse respeito, comenta Silverstone (2002, p. 26):

Nessa visão, vivemos nossas vidas em espaços simbólicos e auto-referenciais que nos oferecem nada mais que generalidades do hiper-real, que nos proporcionam apenas a reprodução e nunca o original e, ao fazê-lo, negamos nossa subjetividade e, de fato, nossa capacidade de agir significativamente. Nessa visão, somos desafiados com nosso fracasso coletivo a distinguir a realidade da fantasia e a responder ao empobrecimento, embora forçado, de nossas capacidades imaginativas, nessa visão, a mídia se torna a medida de todas as coisas.

Embora saibamos que não o seja na realidade, desempenha papel relevante na construção de sentidos. O efeito provocado pela mídia no imaginário coletivo é algo planejado, uma vez que sobre o imaginário coletivo atuam as forças ideológicas presentes nos diferentes meios de comunicação. Nesse sentido, a mídia:

Participa ativamente, na sociedade atual, da construção do imaginário social no interior do qual os indivíduos percebem-se em relação a si mesmos e em



relação aos outros. Dessa concepção, vem a visualização do sujeito como parte de uma coletividade. (GREGOLIN, 2003, p. 97).

Ao sentir-se parte de uma coletividade, o indivíduo, na condição de sujeito interpelado por uma ideologia, tem a impressão de que é a origem do próprio dizer. Quando, na verdade, esse é apenas um dos efeitos do assujeitamento desse indivíduo a um sistema ideológico.

7 Análise e Resultados

O que faremos, a seguir, é uma análise de trechos retirados de reportagens sobre a construção da usina hidrelétrica de Santo Antônio, à luz dos conceitos apresentados. As reportagens foram exibidas em *sites* de notícias, locais, no período que corresponde ao início da instalação do canteiro de obras do empreendimento. Também utilizamos depoimentos de ex-moradores da comunidade São Domingos, e de outros personagens que constituem nosso objeto de pesquisa.

7.1 A produção do discurso é controlada por certo número de procedimentos

REPORTAGEM 1¹⁰:

“São empresas líderes de mercado em suas atividades, e Rondônia vai crescer ainda mais com a presença delas”, disse Cassol durante a conversa.

Como todo comportamento, a atividade verbal é regida por normas. Em textos jornalísticos, para a mídia eletrônica ou impressa, os depoimentos dos entrevistados, quando transcritos, devem ficar entre aspas, justificando que estão exatamente do jeito que foram pronunciados pelos entrevistados. O texto, para a Análise de Discurso, é unidade afetada pelas condições de produção. “É o lugar da relação com a representação física da linguagem” (ORLANDI, 1996, p. 69). De modo geral, podemos observar no

¹⁰ Título da matéria: Cassol recebe empreendedores da usina de Santo Antônio. Site: www.rondoniagora.com.br.



discurso acima projeções de crescimento econômico para a região, em detrimento da construção da usina hidrelétrica de Santo Antônio. No enunciado “Rondônia vai crescer ainda mais”, a fala do governador Ivo Cassol revigora a voz de outro enunciado, presente no slogan da campanha que o levou ao seu segundo mandato, como governador de Rondônia: “o trabalho continua”. Desta forma, reatualizando e disseminando, por meio da mídia eletrônica, o discurso do crescimento e do progresso, muito presente na fala de candidatos em época de campanha política, ou, depois de eleitos, no exercício de seus mandatos. Em termos discursivos, podemos dizer que o mesmo enunciado pode soar significados diferentes dependendo da formação discursiva na qual o sujeito esteja inscrito e da posição ocupada por ele. Para o governador, dizer que Rondônia vai crescer ainda mais, no contexto em que foi dito, pode significar mais investimentos em saúde pública, educação, infraestrutura, segurança e mais geração de empregos. Porém, para um cidadão comum, morador de áreas desprivilegiadas de saneamento básico, iluminação pública, entre outras benfeitorias, e que convive, há anos, com a insegurança nas ruas, com a ineficiência do sistema público de saúde e a falta de estrutura nas escolas da rede pública, a frase do governador pode ser mais uma entre tantas outras que foram ditas, em contextos semelhantes, e não se concretizaram.

Irrompe, nesse sentido, a chamada relação de forças, um dos fatores pelos quais funcionam as condições de produção que permeiam os discursos. “Segundo essa noção, podemos dizer que o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz” (ORLANDI, 1999, p. 38). Daí, se o sujeito falar da condição de governador, o dizer significa de forma diferente do que se falasse da condição de um cidadão comum, desprovido de seus direitos mais elementares.

7.2 Um enunciado é sempre um acontecimento

REPORTAGEM 3¹¹:

¹¹ Título da matéria: Aneel dá aval para início da construção da usina de Santo Antônio. Site: www.tudorondonia.com.br.



As obras da Usina Hidrelétrica de Santo Antônio, no Rio Madeira, em Rondônia, já podem ser iniciadas. O projeto básico da usina foi aprovado pela Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), conforme despacho publicado nesta sexta-feira (22) no Diário Oficial da União.

A aprovação significa que a Aneel concluiu que o projeto tem viabilidade técnica.

Em Foucault (2012) a noção de enunciado visto como acontecimento se descreve como algo carregado de uma materialidade. De um lado, ligado a um gesto de escrita ou à articulação das palavras e, de outro, abre possibilidade para que se recorra ao campo da memória. Além disso, está relacionado não apenas a situações que o provocam, mas a consequências ocasionadas por ele. Nesse último caso, o grande acontecimento esperado, sobretudo, pela mídia, é a aprovação, pela Aneel, do projeto básico para a instalação da usina de Santo Antônio. Através desse acontecimento, as obras da usina puderam ser iniciadas, conforme descrito nos trechos seguintes: “As obras da Usina Hidrelétrica de Santo Antônio no Rio Madeira, em Rondônia, já podem ser iniciadas” e “A aprovação significa que a Aneel concluiu que o projeto tem viabilidade técnica”, ou seja, a conclusão, pela Aneel, de que haveria viabilidade no projeto do empreendimento operou como sinal verde para o início das obras.

É importante destacar que o discurso jornalístico é constitutivamente heterogêneo. Para Gregolin (2000), caracteriza-se pela junção de outras vozes que se cruzam e se opõem em seus textos. O discurso jornalístico articula o sujeito à história e à prática social, inserindo a história no texto e o texto na história. Por isso, a produção de sentidos, a partir de textos jornalísticos, só será possível a interlocutores que se relacionem com outros textos possíveis e correspondentes.

7.3 A interdição como fenômeno de exclusão

DEPOIMENTO 1¹²:

Nesse processo de negociação, várias reuniões estão sendo realizadas. Reuniões coletivas, com os grupos como um todo, e reuniões específicas com as famílias.

¹² A. J. G – Gerente do consórcio Madeira Energia (MESA).



Essas reuniões coletivas, também chamadas de diálogo social, têm a finalidade de discutir o processo como um todo, e discutir as coisas comuns.

*Por exemplo, vou dar um exemplo específico, a comunidade de Engenho Velho, ela tem um forte relacionamento de parentesco e a comunidade optou por ser realocada para uma nova área, que nós estamos chamando de novo Engenho Velho. **Engenho Velho, porque mantém a identidade original da comunidade, e novo porque é um novo espaço ali, mas mantendo a identidade da comunidade.***

*Isso se deu pelo processo de negociação. Outras pessoas já tiveram como proposta de buscar seus caminhos de forma independente, recebem a indenização e uma vez recebida a indenização, **ele busca um caminho que já tinha traçado na vida, que era o interesse dele, de comprar uma propriedade em alguns casos, ou uma fazenda em outros locais, mas manter, reiniciar suas atividades em outros cantos.***

Sabemos que, na perspectiva foucaultiana, entre os procedimentos de controle e delimitação dos discursos, há os que funcionam de modo exterior, como sistemas de exclusão. Na realidade, “por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder” (FOUCAULT, 1996, p. 10). É essa a relação que fazemos com o texto acima discriminado, por ser o próprio discurso o objeto do desejo, compreendido, pelo ribeirinho, como o direito à moradia, o seu espaço de vivência e experiências, o patrimônio cultural e imaterial constituído em gerações, o que lhe é negado. Ao mesmo tempo, esse discurso se apresenta como fonte de riqueza e progresso, sobretudo, da geração de energia elétrica, para o governo e interesses econômicos.

7.4 O sujeito do enunciado é a posição, um lugar determinado que pode ser ocupado por indivíduos diferentes

DEPOIMENTO 2¹³:

*E aqui, eu acabei de me criá aqui. Eu cresci, casei, hoje tô cum 60 ano, nunca saí daqui, você sabe por quê? **Porque aqui eu gosto né. Se num gostasse de morá aqui eu já tinha saído, largado, eu nunca saí, eu nunca saí daqui.***

¹³ José Roseno de Lima. Depoimento dado ao documentário: Para onde o destino mandar.



Agora essa coisa aqui, essa beleza que nós tem aqui, isso aqui eu acho que nem eu e nem mais ninguém num vai achar não. Num vai achar, porque quando eu amanheço o dia que olho, assim, eu gosto de olhar pra natureza assim, o rio, olhar porque eu fui criado assim.

DEPOIMENTO 3¹⁴:

Nóis num gostaria de saí daqui, porque eu nasci e mi criei aqui né. Meu avô ta cum 70 ano morano aqui nessa terra, intãoci ele também num gostaria de saí não. Nóis vamu senti saudade é que vai acabá nossa igreja.

Os depoimentos, acima, foram pronunciados por indivíduos diferentes, mas com algo em comum entre eles, o lugar, a posição que caracteriza a formulação enquanto enunciado. Em questão, está o espaço de vivência entre eles e, mais que isso, um universo cujo patrimônio abnegado está além do campo material. Conforme Foucault (2012, p. 116), “essa dimensão que caracteriza toda a formulação enunciativa constitui um dos traços que pertencem, exclusivamente, à função enunciativa e permitem descrevê-la.” Em todos os casos, as condições de produção dos discursos foram praticamente as mesmas. A saída repentina do lugar onde viviam, por conta da construção da usina de Santo Antônio, gerou grande ansiedade e preocupação. Nota-se que o mais importante não é o espaço da moradia, a casa, as perdas materiais. O que está em jogo é toda uma relação constituída entre o sujeito e a natureza, são bens imateriais que se referem às práticas do cotidiano na beirada dos rios, em toda a sua simplicidade. Esse sentido está nítido em “quando eu amanheço o dia, que olho assim, eu gosto de olhar pra natureza assim, o rio, olhar porque eu fui criado assim”. A mesma relação de apego ao lugar pode ser conferida em “nóis num gostaria de sair daqui” e “nóis vamu senti saudade é que vai acaba nossa igreja”, em que o sujeito demonstra tristeza e saudade em ter que deixar para trás a igreja da comunidade. Retomamos, nesse caso, a ideia de que nessa história particular, os protagonistas do discurso estão inseridos como parte de uma ordem social, de uma cultura devendo ser tomados em relação ao lugar que ocupam no interior dessa formação social. “Por isso, são, ao mesmo tempo, protagonistas do discurso e protagonistas no discurso: produzem e estão reproduzidos naquilo que reproduzem” (ORLANDI, 1988, p. 11).

¹⁴ Lucinei Monteiro do Nascimento. Depoimento dado ao documentário: Para onde o destino mandar.



Considerações Finais

Todo indivíduo, no ato da interação verbal, ocupa um lugar na sociedade. Esse lugar que falante e ouvinte ocupam tem relação direta com a produção de significados e sentidos, uma vez que o exercício da linguagem só é possível dentro de um contexto social. Esse lugar, assim compreendido, é o espaço de representações da história, e conforme Orlandi (2012) é constitutivo das significações. Portanto, os discursos se manifestam interpelados por uma ideologia. Para Orlandi (1999, p. 53) “A linguagem não é transparente, os sentidos não são conteúdos. É no corpo a corpo com a linguagem que o sujeito (se) diz. E o faz não ficando apenas nas evidências produzidas pela ideologia”.

A condição de existência dos sujeitos e dos sentidos depende da forma como os sujeitos são afetados pela língua e estão inscritos na história. Nesse modo de produção dos sentidos, operam mecanismos de controle e condições determinadas de produção dos discursos, uma vez que os discursos se constituem em seus sentidos.

Nessa perspectiva, a mídia atua como importante ferramenta utilizada por instituições detentoras de poder e governos, no intuito de transmitir valores e divulgar discursos imbuídos de ideologias. Como vimos, na maioria das vezes, esses ideais são difundidos por intelectuais, autoridades políticas, empresas jornalísticas e agências de publicidade, através dos meios de comunicação, em suas diferentes plataformas. Uma das questões muito debatidas na atualidade é a rapidez com que as informações cruzam espaços e fronteiras, alcançando, num piscar de olhos, ou simples apertar de um botão, o maior número de pessoas. E se a mídia tem o papel de informar, tem também de socializar tendências, pautar o dia a dia das pessoas e sugerir modelos de vida.

Por esses motivos, buscamos, na Análise de Discurso, meios para a compreensão dos discursos apresentados pelo ribeirinho e pela mídia (*sites* de notícias locais), no contexto da construção da usina hidrelétrica de Santo Antônio, em Porto Velho/RO. Uma obra que o Governo apresentou com o discurso de “estruturante” para o



setor de Energia Elétrica do país, mas que também alterou a organização urbana da cidade de Porto Velho e, sobretudo, das comunidades ribeirinhas que foram diretamente atingidas pelo empreendimento, como foi o caso dos ex-moradores da comunidade de São Domingos, na vila de Santo Antônio.

Não foi nossa pretensão aprofundar a análise dos discursos aqui apresentados, até porque se tratam do recorte de uma pesquisa maior, ainda em andamento. No entanto, podemos destacar que a interpretação dos textos analisados vai ao encontro dos estudos da análise discursiva, que possibilitaram a este pesquisador a compreensão dos efeitos de sentidos e significados possíveis a partir dos enunciados em torno da construção da usina hidrelétrica de Santo Antônio.

No que se refere aos textos da mídia, a necessidade de recorrer a outros textos e fazer conexão com fatores externos aos textos analisados reforçou o entendimento de que o discurso jornalístico é constitutivamente heterogêneo, e se apresenta numa relação dialógica e polifônica, marcada pela presença de diferentes pontos de vista.

Como resultado da análise dos discursos apresentados pelos ribeirinhos, citamos a presença de um forte sentimento de identificação com a comunidade de São Domingos, de onde foram retirados à força. Sentimento também de pertencimento, revelador da formação discursiva que traduz o imaginário de uma certa época deste povo.

Desta forma, foi possível assimilar o quanto a Análise de Discurso contribuiu para a compreensão do ribeirinho, como um sujeito dotado de capacidade de se significar, dando-se a perceber pelo modo de vida que mantém e o jeito de se relacionar com os rios e a mata, indo contra a concepção preconceituosa de que é um sujeito sem expressividade, preguiçoso e de falar atrasado. Complementa essa ideia a condição de incompletude da linguagem, pois como nem sujeitos nem sentidos estão definitivamente completos, ao dizer, o sujeito se significa, em condições determinadas de produção. De um lado, ele é afetado pela língua e, do outro, pelas suas experiências de vida, pelos fatos e acontecimentos que reclamam sentidos.



Através da Análise de Discurso, podemos compreender como as relações de poder atuam, se perpetuam, são significadas e, ainda, que mecanismos utilizam para estabelecer o controle dos discursos vigentes em uma sociedade. Ao mesmo tempo em que contribuímos com as análises das mudanças provocadas por esse sistema de pensamento em determinado grupo social e como esse grupo vê a realidade.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Nair Ferreira Gurgel do. **Pluralidade Cultural, Leitura e Linguagem na Formação Docente**. Relatório de Pós-Doutorado. Faculdade de Educação/UNICAMP/SP, 2011.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**. Edições Loyola. São Paulo: 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade. Entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2005.
- BHABHA, Homi K. **O local da Cultura**. Belo horizonte: Ed. UFMG, 2013.
- ECHANIZ, Arantza; PAGOLA, Juan. **Ética do profissional da comunicação**. São Paulo: Paulinas, 2007.
- FONSECA, Dante Ribeiro da. **Estudos de História da Amazônia**. Porto Velho: Gráfica e editora Maia, 2007.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 23ª ed. São Paulo, Edições Loyola, 1996.
- FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- GREGOLIN, Maria do Rosário (org.). **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003.
- GREGOLIN, Maria do Rosário (org.). **Filigranas do discurso: as vozes da história**. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2000.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 2ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.



<http://www.rondoniagora.com/noticias/cassol-recebe-empresarios-da-usina-de-santo-antonio.htm>. Acesso em 22 de abril de 2014.

<http://www.tudorondonia.com/noticias/aneel-da-aval-para-inicio-da-construcao-da-usina-de-santo-antonio-,7938.shtml>

<http://www.tudorondonia.com/noticias/licenca-para-usina-de-santo-antonio-preve-investimentos-em-unidades-de-conservacao-,7852.shtml>.

HUGO, Vitor. **Desbravadores**. Escolas Profissionais Salesianas. São Paulo: 1991.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **A arte como encantaria da linguagem**. São Paulo: Escrituras, 2008.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: Uma poética do Imaginário**. Belém: Cejup, 1995.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2013.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso – Princípios e Procedimentos**. Campinas, São Paulo: Pontes, 1999.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e Leitura**. São Paulo: Cortez Editora, 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação - Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Sujeito & Texto (série cadernos PUC, nº 31)**. São Paulo: Educ, 1988.

SILVA, Josué da Costa; SILVA, Maria das Graças Silva Nascimento. **Nos banheiros do rio**. Porto Velho: Eudfro, 2002.

SILVERSTONE, Roger. **Porque estudar a mídia?** São Paulo: Edições Loyola, 2002.